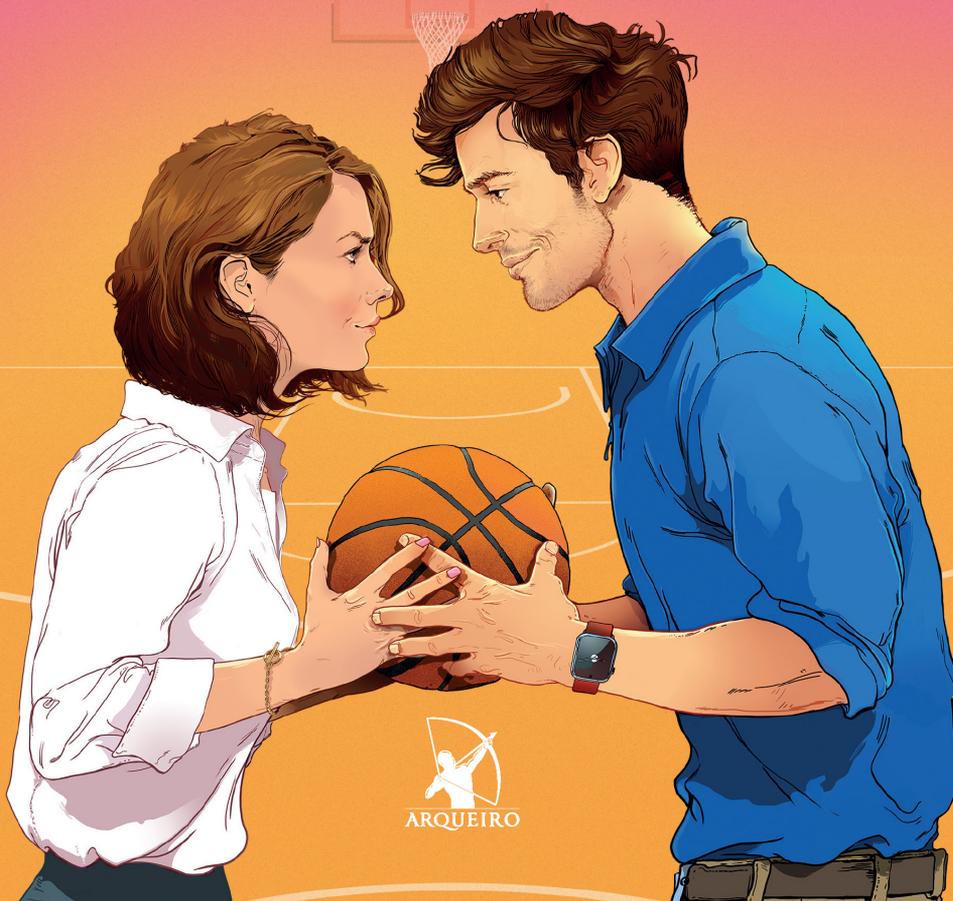


JAMIE HARROW

# Lance livre

Se o amor é um jogo,  
eles estão em quadra para ganhar



*Para Jeremy, M. e H.  
E para minha mãe, que me levou a todos os lugares.*



## Um

Eu costumava ser louca por momentos dignos de filme.

Então entendo quando a mulher sentada ao meu lado no banco, com um corte bob no cabelo e tênis Skechers, diz:

– Parece coisa de filme.

Entendo por que ela pega o celular e tenta tirar uma foto panorâmica.

É uma daquelas manhãs de outubro perfeitas em que há algo no ar, do tipo que faz meus pulmões ansiarem por mais. Tudo parece caramelizado pela luz do sol. Os alunos da Universidade Ardwyn caminham pelo pátio rumo a um conjunto de prédios antigos de ciências humanas, de pedra, o campo verde feito os montes de dólares das anuidades e podado com perfeição. Inspiro o cheiro de folhas e, inexplicavelmente, de rosquinha de maçã.

– Parece mesmo – murmuro em resposta e percebo o folheto que escapole de sua bolsa com estampa caxemira colorida.

*Um futuro brilhante*, diz na parte de cima.

Houve um tempo na minha vida em que eu teria engolido essa baboseira com avidez. Agora, por mais estranho que pareça, a Ardwyn lembra a Disney: perfeita demais, como se, depois de uma série de pesquisas com grupos específicos, tivesse sido forjada para parecer uma faculdade, quando na verdade todos os jovens aqui, com seus suéteres volumosos, vão para os bastidores atrás de uma pausa para fumar assim que saem do seu campo de visão.

– Que dia lindo! – declara a mulher ao meu lado.

Meu cérebro ansioso não tem capacidade para jogar conversa fora no

momento. Tento dispensá-la com um *um-hummm* evasivo, mas ela me embosca com um contato visual e estende a mão. Eu demoro um pouco mais que o aceitável para cumprimentá-la, dando um sorriso indiferente.

Ela me diz seu nome, que esqueço na mesma hora.

– Sou a Annie – respondo.

– Ah, lá estão eles! – Ela acena para um homem de casaco corta-vento e uma adolescente que vem girando um chapéu tipo *bucket* nas mãos, ambos saindo do centro acadêmico e vindo em nossa direção. – Meu marido e minha filha. Eles foram atrás de um banheiro.

Eu me levanto.

– Vou deixar que eles se sentem com você – digo.

Não consigo ficar parada de jeito nenhum. Minha mandíbula está doendo de tão tensionada, estou batendo o pé no chão e já tinha arrancado a cutícula do meu polegar direito antes de a mulher chegar.

Ela protesta, mas insisto com um aceno. Estou recuando quando um aluno às minhas costas diz:

– Licença.

Então saio do caminho e paro sob a sombra salpicada de um carvalho hediondamente majestoso para lhe dar passagem. Ele está usando o que deve ser o aparato completo da Ardwyn, comprado pelos pais no dia da mudança dele: chapéu da Ardwyn, carteirinha de estudante da Ardwyn pendurada no pescoço por um cordão da Ardwyn e blusa do Ardwyn Tigers exibindo o mascote com uma bola de basquete nas mãos.

Ao ver a bola, meu estômago revira feito o velho e pitoresco moinho de água atrás da biblioteca.

Outro estudante surge diante de mim, um garoto alegre, de rosto corado, camisa polo e calça cáqui.

– Oi! Você veio pra visita guiada? Ainda vai demorar uns minutos.

Pela primeira vez, reparo em algumas famílias perambulando atrás do banco. Prováveis alunos e seus pais, conversando, aguardando e olhando o entorno.

– Não! – respondo, rápido demais. – Não vim. Não. Hum, não, obrigada.

Eu não deveria ter permissão para ficar a menos de três metros desse grupo de visitantes. Oito anos atrás, eu me formei e jurei que não pisaria nesse campus outra vez. Por oito anos, mantive essa promessa. E agora,

graças à nostalgia causada por um casamento, à revista *Home Appliance* e ao desgraçado do Ben Callahan, aqui estou outra vez.

Minha nova amiga se inclina na minha direção.

– Fiquei curiosa! – diz ela. – Você é aluna da pós-graduação?

Balanço a cabeça.

– Eu... trabalho aqui. – As palavras parecem equivocadas ao saírem da minha boca. – Hoje é meu primeiro dia.

E foi por isso que eu acordei antes do nascer do sol e agora estou enrolando do lado de fora, quarenta minutos antes da minha primeira reunião.

– Em qual departamento? – pergunta ela. – Madison está em dúvida entre biologia e ciência da computação.

– Na verdade, vou trabalhar com o time de basquete.

Alguns dos pais e filhos ao redor se viram na minha direção e um deles solta um arquejo admirado.

– Que sorte – diz uma das mães com suéter de tricô enquanto ergue os óculos escuros. – Você deve estar muito animada.

Estou aqui porque não tenho opção. Mas, se eu disser isso, o guia da visita provavelmente vai me rebocar com um gancho e me trancar em qualquer cela que estejam usando para esconder os esquisitões de alguma fraternidade e os manifestantes que pressionam a faculdade a não aceitar dinheiro proveniente de combustíveis fósseis.

O marido dela vem para o meu lado, as mãos no quadril.

– Basquete, é? Sou muito fã.

– Da Ardwyn?

Ele ri como se a pergunta fosse uma piada.

– Não, sou da Duke. Mas seu trabalho é legal. Vocês têm andado na corda bamba nos últimos anos, então, se não criar muita expectativa, provavelmente vai se divertir. Mas é uma pena que o antigo treinador não esteja mais com vocês. Sempre falei que ele podia ter feito algo especial aqui.

Dou de ombros, como se não soubesse muito bem de quem ele está falando: o treinador Brent Maynard, ícone da Ardwyn, o preferido de todo mundo. Juro: se eu passar por um corredor e der de cara com uma estátua de bronze desse homem, vou arrastar essa coisa até o rio Schuylkill e deixar afundar lá. O guia da visita não vai conseguir me impedir.

Ainda está cedo, mas é a minha deixa para ir embora.

– Foi um prazer conhecê-la – digo para a mãe no banco, enquanto me afasto.

Ela dá um sorriso.

– Tenha um ótimo primeiro dia, Annie!

Desço por um caminho de lajotas desgastadas que passa pelos dormitórios e fico boquiaberta diante do cenário. É estranho e familiar ao mesmo tempo. Tiro uma foto rápida do arco decorado na entrada do Cloughley Hall, onde Cassie e eu dividimos um quarto no primeiro ano, e mando para ela. **Dá pra sentir o cheiro de mofo daqui**, escrevo junto.

**Ah, quantas lembranças!**, responde Cassie na mesma hora.

Estou prestes a devolver meu celular ao poço sem fundo da minha bolsa quando ele vibra de novo. Dessa vez, Cass está ligando.

– Oi, Cass.

– Oi! Tomou o chá de manhã?

Argh, o chá. É algum tipo de mistura de ervas calmante mas revigorante que Cassie deixou no meu apartamento novo ontem à noite, como em um gesto de apoio. Podia ser pior. Eu meio que esperava que ela aparecesse hoje de manhã para me acompanhar até o trabalho, como se fosse o primeiro dia no jardim de infância. Por sorte, Ardwyn fica nos idílicos subúrbios da Filadélfia e Cass precisa estar no escritório, no centro da cidade, às oito da manhã.

– Não, preferi tomar um café irlandês – respondo. – É bom pros nervos.

Ah, lá está a origem do cheiro das rosquinhas de maçã: um grupo de meninas da irmandade montou uma mesinha de vendas em frente ao refeitório, anunciada por um cartaz feito à mão. Os fundos vão ser revertidos para um abrigo de animais.

– Ah, foi? – pergunta Cassie, como se soubesse que é brincadeira, mas não estivesse cem por cento certa disso.

Consigo imaginar seu rosto, a pele bronzeada, uma ruguinha surgindo entre as sobrancelhas, sua nuvem de cachos caindo para o lado quando ela inclina a cabeça, preocupada.

– Não, tomei o chá – minto.

– Que bom – responde ela, satisfeita. Uma voz ao longe se infiltra pelo lado dela na ligação. – Espera um minuto – diz para mim. – Não desliga!

– É seu chefe? Quero falar com ele – digo. – *DÊ UM AUMENTO PRA CASSIE!!!*

Os sócios da firma de Cassie dizem que ela é uma “estrela”, o que no fim das contas quer dizer que não conseguiriam funcionar sem ela, mas, ainda assim, não pagam bem.

Cassie segura uma risada.

– Shhh!

Ouve-se um farfalhar e em seguida uma conversa abafada com algum sujeito do outro lado.

Parte da culpa por eu estar aqui é dela. Fiquei entorpecida pelo sentimentalismo no casamento dela com Eric no verão. Não é todo dia que seus melhores amigos se casam um com o outro. Depois do fim da festa, nós três nos sentamos ao redor de uma fogueira em um pátio repleto de plantas, perfeitamente embriagados e felizes. Eric, que é um dos assistentes do treinador da Ardwyn, me pegou desprevenida ao falar bem sério: “Volta a trabalhar com a gente! Estamos dando uma movimentada nas coisas. O treinador quer renovar o programa de vídeo.”

Ele deu bons argumentos. E eu estava desesperada. Fazia 42 dias que, num impulso, eu tinha pedido demissão do meu trabalho sugador de almas – um bico de criação de conteúdo educativo para uma empresa de refrigeração – depois de entrar para a lista de 35 Grandes Talentos Com Menos de 35 Anos da revista *Home Appliance*. Isso foi tão constrangedor quanto aqueles pedidos de casamento que são exibidos num telão e nos quais a pessoa surpreendida claramente não quer aceitar. Meu direito ao plano de saúde estava prestes a terminar e eu estava ficando sem dinheiro e, pela primeira vez, estava com dificuldade de achar um emprego.

Aparentemente, o pessoal da internet sabe do que está falando quando diz que pular de um emprego para o outro “estraga o currículo”. Mesmo tendo tido sete empregos em oito anos, até ali eu tinha conseguido escapar das perguntas sobre meu histórico durante as entrevistas. *Inconstante?*, tinha rabiscado uma pessoa do RH na parte de cima do meu currículo, e dava para ler a pergunta do outro lado da mesa de reunião. Ninguém entrou em contato depois.

Apesar disso, hesitei. Em parte, pensei que seria melhor dar fim à minha carreira com vídeos e seguir em frente com o que quer que viesse depois que a pessoa aceita que fracassou em atingir todo o seu potencial.

– Foi mal. Voltei – diz Cassie. – Mas então, como está o campus?

– Esquisito – respondo. – Não tinha imaginado que seria tão estranho estar de volta.

Minha voz vacila na última palavra e dou um pigarro. Silêncio.

– Annie, tem certeza que é isso que você quer?

Ranjo os dentes.

– Por acaso eu já fiz alguma coisa sem pensar muito bem antes?

Cassie não responde. Já me viu fazendo declarações o suficiente para saber que não é para responder à pergunta.

Eu fiquei indecisa quando Eric me ofereceu o trabalho, até que, em algum momento de seu discurso fervoroso, ele mencionou Ben. “Ele acabou de ganhar um prêmio importante da ESPN”, disse ele, do nada. “Jovens Líderes de Escritório, ou algo assim.”

Ben Callahan, o craque em dados da equipe. Trabalhamos lado a lado para os Tigers na faculdade, liderando o time de estagiários que mantinha a operação em pleno funcionamento. Até que, para mim, foi tudo por água abaixo.

*Poderia ter sido eu.* Senti algo quente no peito que não reconheci e as palavras saíram da minha boca: “Eu topo.”

Três anos de penitência, depois é dar o fora. Acho que três anos é tempo suficiente para provar para outros empregadores que sou confiável. Sei que tenho sorte de ter um amigo que pode me dar essa oportunidade. E juro pela *Home Appliance* que vou dar o melhor de mim para construir algo mais duradouro depois que encerrar meu trabalho por aqui.

Os sinos da igreja do campus ressoam pelo pátio e me arrancam dos meus pensamentos. Está alto demais e não dá para conversar, então torço para que Cassie ouça quando falo:

– Espera aí.

Enquanto aguardo, finalmente me permito olhar para a Igreja. Não confundir com a igreja de verdade, a que tem os sinos. Igreja é o apelido da Arena Simon B. Curry, onde o Tigers joga. Erguendo-se acima da copa das árvores, ela é um aglomerado de tijolos vermelhos velhos com um teto pontiagudo, o que a deixa parecida com uma catedral.

Engulo em seco. O basquete foi meu primeiro grande amor, e nada chegou tão perto disso, nem mesmo meu ex, Oliver. Nunca fui jogadora, mas

cresci na quadra e adorava tudo ali: o guincho dos sapatos e o suor, o arco de um arremesso perfeito rumo ao seu destino inevitável, a camaradagem entre jogadores e equipe. A onda de dopamina com a vitória.

Eu não vejo um jogo da Ardwyn desde que me formei, nem nenhum jogo de basquete desde que meu pai morreu, dois anos atrás.

Os sinos badalam de novo e de novo, marcando o tempo. Então o som vai diminuindo e são nove da manhã. Hora de ir.

Dou um suspiro teatral. Faço uma pausa. Aí, com a minha voz mais grave possível, proclamo:

– Eles dobram por mim.

Cassie dá um grunhido.

– Sabia que você ia dizer isso.

Tá bom, talvez eu ainda seja um *pouquinho* louca por momentos dignos de filme.



A caminho da reunião de apresentação ao departamento de esportes, passo pela academia e pela biblioteca, me parabenizando por lembrar a localização de tudo. Mas, quando chego ao prédio e seguro a maçaneta da porta, ela não se mexe.

Um aluno passa e olha para mim, e sinto meu rosto esquentar. Dou uma espiada através do vidro. Fica óbvio que a entrada não é mais ali. Lá dentro não há nada além de uma antessala abandonada.

*Beleza. Não me deem atenção. Eu sei direitinho o que estou fazendo aqui.*

Caminho com hesitação por alguns minutos e acabo chamando a atenção de um segurança.

– Remodelaram o prédio cinco anos atrás – explica ele. – Os fundos agora são a frente.

Por pura preguiça, contorno o prédio cortando caminho pela grama e passando por uma longa fileira de arbustos, em vez de voltar por onde vim. Quando chego ao outro lado, não há nada em volta que remeta a uma saída. Me enfió por entre dois rododendros, tirando galhos da frente, e saio direto na calçada.

A poucos metros de mim, dois sujeitos seguram copos de café.

– Consegue me arrumar uns ingressos para a estreia? – pergunta um deles.

Os dois viram a cabeça na minha direção ao mesmo tempo quando a conversa é interrompida. Sei que um deles é Ben, mas não faço ideia de quem seja o outro.

– Annie Radford – diz ele, com neutralidade e sem piscar, como se tivesse esperado a manhã toda que os arbustos me cuspissem a seus pés.

No terceiro ano da faculdade, quando ele e eu competimos pelo estágio no Philadelphia 76ers, eu costumava dizer para Cassie: “A porcaria do Ben Callahan, minha nêmesis”, e então a gente caía na gargalhada. Não porque eu não tivesse medo que ele me superasse – eu tinha. Mas pela ideia absurda de que ele fosse a nêmesis de alguém, porque Ben é, veja só, uma boa pessoa.

Fico tonta assim que ele fala comigo, talvez porque seja o primeiro rosto familiar que vejo desde que cheguei. Ou talvez porque, *nossa*, o rosto já não seja exatamente o mesmo.

Ben sempre foi bonito de um jeito saudável, para quem curte esse tipo de coisa. Olhos castanhos sinceros, dentes brancos, uma postura perfeita. Na escalação, da época em que jogava, constava 1,88 metro de altura, o que significava na realidade 1,83 metro.

Ainda me lembro do que um dos veteranos disse durante o trote dos calouros: “Ben Callahan está aqui esta noite, pessoal. Veio acompanhado pelo bando de passarinhos que paira sobre ele aonde quer que vá, porque ele é uma gracinha.”

Muito engraçado, mas já não se aplica. A geometria do rosto dele evoluiu. Faíscas disparam pelo meu sistema nervoso diante do efeito geral causado por seu queixo e maçãs do rosto. Algumas linhas finas e um olhar magnético e mais sombrio, uma barba por fazer bem cuidada. O cabelo castanho-escuro está com um penteado meticuloso, como o de um apresentador de telejornal. Se você ignorar o cabelo, ele é quase... será possível que ele... tenha virado um gostosão? Procuo uma aliança, porque estou com *assustadores* 30 anos. Nada. Surpreendente.

Ele também está me avaliando. Me examina da cabeça aos pés e vice-versa, e se mostra impassível, a boca curvada muito de leve para cima; nem dá para classificar como um sorriso. Esse não é o seu semblante de sempre. Onde está o sorrisinho ávido? O abraço caloroso?

Ops, é minha vez de dizer alguma coisa. O silêncio já se prolongou demais.

– Ben, oi!

Apesar do nervosismo, forço um pouco de entusiasmo e um sorriso que provavelmente parece tão tenso quanto de fato está. Coloco o cabelo atrás da orelha e uma folha se solta dele e flutua até o chão. Todos nós fingimos não perceber.

Eu me preparo para uma porção de perguntas simpáticas, mas Ben não fala nada. Levo um instante para entender o motivo: interrompi o pedido de ingressos do outro sujeito. É por isso que Ben está parado ali com a expressão pesada de quem está ouvindo um pedido pela milionésima vez: *Pode me arrumar um contato?*

Sinto uma dor no pulso e o esfrego com a outra mão. Meus dedos encontram um arranhão que está inchando, cortesia dos arbustos.

Beleza. Provavelmente eles querem saber por que me materializei do meio da folhagem como um esquilo amistoso demais.

– Me perdi – explico. – A porta está diferente.

Ben dá uma olhada na entrada.

– É, trocaram há bastante tempo – diz em um tom de voz neutro. – Faz tempo que você não vem aqui.

Não estou tão perto a ponto de conseguir manter uma conversa em um volume normal, então dou dois passos à frente para não ter que gritar.

– Como você está? – pergunto.

– Estou bem.

– Que bom, que bom. Ouvi falar do prêmio da ESPN – digo, me dando um tapinha nas costas por ser tão agradável. A Miss Simpatia em pessoa. – Que incrível. Parabéns.

– Obrigado.

Ele troca o copo de mão e examina a tampa. Fico mexendo no arranhão em meu pulso. O Cara do Ingresso tosse. Ben está esperando que ele vá embora?

Mas o Cara do Ingresso não pega a deixa.

– De onde vocês se conhecem? – pergunta ele com educação.

– Já faz muito tempo – explico.

– Ela trabalhava aqui – responde Ben ao mesmo tempo.

– Uma vez vomitei nos sapatos de Ben em um voo, voltando de Chicago. A pior turbulência que já peguei – conto.

Ficamos presos nos assentos por mais 45 minutos, o que dificultou um bocado a limpeza. Ben dispensou meus pedidos de desculpa e passou mais tempo se preocupando em conseguir água para eu me limpar do que tentando ficar limpo.

– É o tipo de vínculo que é eterno – acrescento.

É uma piada, mas Ben mal ergue as sobrancelhas para reagir, então se segue um silêncio constrangedor. Sinto uma pontada de vergonha. Será que estou sendo informal demais? Meus quatro anos na Ardwyn foram os mais importantes da minha vida, e Ben e eu passamos mais tempo juntos do que com nossos amigos ou família. Mas muito tempo se passou.

Fico ali por mais um instante, tentando encontrar o jeito certo de me despedir de forma casual e sair parecendo impassível. Ou talvez eu deva pegar a rota de fuga mais rápida até os arbustos. Estava mais confortável lá.

O Cara do Ingresso sai na minha frente.

– Callahan, preciso correr. A gente se fala mais tarde – diz ele.

Ele me oferece o mais ínfimo dos acenos de cabeça.

– Claro – responde Ben, o tom de voz de repente mais animado. – E os ingressos estão garantidos, como sempre.

E então ficamos sozinhos. Ele olha para seu zíper fechado até a metade e espana um farelo invisível do brasão da Ardwyn. Sobe o zíper mais um pouco.

Eu começo:

– Algumas coisas nunca mudam.

Uma linha se forma na testa dele.

– Como assim?

– Você sabe. – Gesticulo para o Cara do Ingresso, que se distancia. – Todo mundo querendo que você dê uma força.

– Ah – diz ele. – Que nada. Ele é meu amigo. – Ben dá um pigarro. – Fiquei triste ao saber do seu pai.

– Obrigada.

Por um breve instante, me pergunto se todo esse constrangimento é por ele estar desconfortável em falar da morte do meu pai. Tem gente que fica

com medo de dizer a coisa errada, então acaba não falando nada. Pelo menos Ben disse *alguma coisa*.

– Estou animada com a minha volta – digo, mudando um pouco o rumo da conversa. – Eric falou que nesta temporada vocês querem focar em uma estratégia com vídeo.

Ele infla um pouquinho as narinas.

– Contanto que a gente também foque em jogar direito. – Ao avistar uma mulher mais velha estacionando sua bicicleta do lado de fora do prédio, ele acena com o rosto iluminado. – Oi, Cindy, como foi o fim de semana?

Sinto o estômago revirar com um súbito desconforto. Se eu não soubesse a verdade, diria que isso é mais do que indiferença ou falta de jeito em busca de dizer a coisa certa. Eu acharia que Ben de fato não tinha gostado de me ver.

O que não faria sentido. Ben é uma das pessoas mais atenciosas que já conheci. Nem no terceiro ano, quando estávamos uma pilha por causa do estágio, ele deixou de ser gentil. Não houve nenhuma sabotagem secreta, nenhuma briga. Ele me ajudou a pesquisar vídeos de jogos antigos quando precisei e pediu minha opinião sincera sobre os relatórios que tinha escrito.

Isso tinha sido um inconveniente. Às vezes, eu ficava com inveja, porque tudo fluía com facilidade para Ben e ele era próximo do treinador Maynard. Ben já tinha jogado basquete. Sua ligação com Maynard foi natural e imediata. Depois de dois anos no banco da Ardwyn sem ganhar bolsa de estudos ou ser contratado por um time, ele se aposentou como jogador e se tornou estagiário no intuito de se preparar para ser treinador no futuro, assim como Maynard. Esqueça a ligação entre mãe e filho. Não existe vínculo mais forte do que aquele entre um homem e outro homem que o lembra de si mesmo.

Eu precisava me esforçar loucamente para chegar ao mesmo ponto. E acabei chegando – uma representação perfeita de *cuidado com o que deseja* –, mas exigiu muito mais de mim. Só que eu nunca poderia usar isso contra Ben, porque ele era muito *legal*.

Era. Minha paciência acabou. Cruzo os braços bem forte.

– Está tudo bem? – indago.

Ele enrijece, pego em flagrante. Um lampejo de culpa passa por seu rosto.

– Sim, sim, tá, claro.

Seu tom sai mais amistoso, mas é forçado.

Estreito os olhos.

– Não está se sentindo bem?

– Estou ótimo.

– Alguém estragou seu café?

O copo está a meio caminho dos lábios dele quando faço a pergunta. Ele toma um longo gole.

– Tá tudo certo.

– Perdeu o sono?

– Dormi bem a noite toda.

Contraio os lábios.

– Bom, se não é com você, então deve ser comigo.

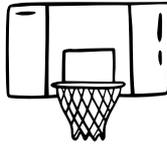
Ele alisa o cabelo com uma das mãos, estreitando os olhos para mim, o maxilar rígido e teimoso.

– Não sei do que você está falando.

Ele retesa o lábio superior, como se tentasse forçar uma expressão mais amigável e não conseguisse sustentá-la.

– Bem, preciso ir – diz ele. – Dia cheio. – Ele começa a se afastar, mas se vira enquanto uma brisa suave espalha folhas pelo caminho. Faixas estampadas com o brasão da universidade ondulam de forma graciosa nos postes de luz atrás dele. Ben ergue o copo para mim, como se quisesse provar que está tudo bem e que ele ainda é o cara mais legal do campus. – E, olha, bom ver você. Bem-vinda de volta.

Mas não soa nada sincero.



## Dois

Quando entro no departamento de esportes, não há ninguém na mesa da recepção. Ouço alguém falando ali perto, fora de vista, por cima do som da máquina de café pingando e de colheres tilintando.

Depois de um momento, a recepcionista aparece, uma caneca na mão e um andar cambaleante que denuncia décadas de trabalho em escritório. O cabelo grisalho é curto e ela usa um broche com o A da Ardwyn no suéter. Olho para o broche. Não consigo evitar. Eric e eu uma vez fizemos um pacto de tatuar aquele mesmo A no corpo depois que eu me formasse. A cor oficial do time, a fonte oficial. A minha ficaria na lateral do tronco, na altura das costelas. Nenhum de nós cumpriu o combinado.

A recepcionista me leva até uma sala de reunião vazia e, com uma voz fina e indiferente, me convida a sentar em uma cadeira. Olho meu celular e vejo uma mensagem de Eric: **OI, COLEGA DE TRABALHO! Estou preso em outra reunião. Te vejo de tarde!!**

Que maravilha. Eu tinha planejado grudar em Eric como se ele fosse meu bichinho de pelúcia favorito até eu me acostumar, mas ele já me abandonou no primeiro dia.

Duas jovens chegam alguns minutos depois. A primeira entra com um laptop aberto, senta e se debruça na tela. Seu cabelo ruivo cai na frente dos olhos e, sem dar muita atenção, ela o junta de um lado e o torce em uma longa espiral, tirando-o do rosto.

A segunda entra devagar na sala, como se estivesse fazendo o maior esforço do mundo. Seu laptop faz um estrondo quando ela o larga na mesa com um pouco de força demais. Ela se deixa cair em uma cadeira e solta o

ar com vontade, então esfrega os olhos por baixo dos óculos grossos. Um gorro frouxo cai por cima de sua testa.

– Oi, eu sou a Jess.

De algum jeito, ela consegue respirar a cada palavra.

A outra ergue os olhos, os dedos pairando acima do teclado.

– Ih, nem vi você aí. Eu sou a Taylor. Você é a Annie?

Assinto.

– Prazer em conhecer vocês.

Taylor sorri e acaricia o cabelo enrolado.

– Somos do time de mídia. Administramos as redes sociais do departamento de esportes.

Jess se vira na cadeira.

– Vai ter comida nessa reunião?

Eu puxo um caderno e uma caneta. Não vai ser difícil parecer que estou me empenhando.

– Não vi nada. Acho que não estou apta a ser recebida com um café da manhã.

– Nem uma salada de frutas? – Jess se desespera.

– No máximo, eu devo estar no nível pra pão dormido.

Jess solta uma risada pelo nariz.

– O futuro pertence àqueles que acreditam que merecem um banquete de omelete. Eleanor Roosevelt.

Taylor bate no teclado com a testa franzida.

– Eu falei pra você comer antes daqui. Você fica esquisita quando a sua glicose baixa. – Ela aperta uma última tecla e volta toda a atenção para mim, a boca se curvando para cima. – Sabe, você é uma lenda por aqui.

Pisco, surpresa.

– Eu?

Impossível.

– Ah, não fica tão animada. Tem só, tipo, uns cinco de nós aqui no departamento, mas a gente sempre quis saber quem é que tinha feito aqueles vídeos antigos de basquete. Eles são muito bons.

– São bons mesmo – acrescenta Jess. – A sua câmera era obviamente péssima, mas você fez um trabalho incrível.

– Puxa. Obrigada – digo, sentindo o meu rosto ruborizar. – A câmera era péssima mesmo. Acho que a encontrei em um armário. Nosso orçamento era de zero dólar.

Taylor se inclina para a frente e apoia o queixo na mão.

– Você se formou um semestre mais cedo? A gente sempre quis saber por que os vídeos param em dezembro, em vez de no final da temporada.

– Ah. – Eu me remexo na cadeira. – É, eu já tinha créditos suficientes, então não dava pra justificar mais um semestre de mensalidades.

Não foi só por isso, mas eu realmente tinha completado os créditos para tirar meu diploma – por pouco – e fugir dos problemas quando precisei, depois do torneio de fim de ano na Flórida.

Por sorte, Taylor não tem chance de fazer mais perguntas, porque um homem com peitoral largo, de blazer e calça cáqui, entra na sala. Seu cabelo é grisalho e partido para o lado, caindo pela testa como as cerdas de uma vassoura.

– Ted! – Jess e Taylor falam ao mesmo tempo.

– Como vocês estão? – Ele tem um rosto receptivo, um sorriso aberto. E se vira para mim. – Ted Horvath, diretor assistente de esportes – diz, com um aperto de mão firme. – Bem-vinda de volta à Família Ardwyn.

Família Ardwyn. Duas palavras, uma emboscada, um farol que indica o retorno para casa sendo aceso dentro de mim. Uma expressão tão familiar... a cadência, cada sílaba... era como colocar um par de sapatos que estava guardado no fundo do armário ou lembrar a letra inteira de uma música que eu não ouvia há muito tempo. Meus batimentos aceleram e um leve enjoo sobe pela minha barriga quando percebo meus sintomas, como se fosse minha própria médica. Diagnóstico: alergia severa ao espírito universitário.

A Família Ardwyn é uma família cujo ex-patriarca – um treinador incrível, herói do campus – era um narcisista manipulador que abusava do poder. Me desculpe se isso não deixa meu coração quentinho.

– Sem café da manhã, Ted? – pergunta Jess.

Taylor ergue a bolsa até a mesa e a pousa ali com um baque.

– Jess está irritada de fome – explica ela, remexendo na bolsa. – Pasta de amendoim ou amêndoa?

– Pasta de amendoim, por favor. – Jess estende a mão e espera até Taylor

encontrar uma barrinha de cereal e passar para ela. – E você está com o carregador do meu laptop?

Ela está. Reprimos um sorriso. Parece uma bolsa de recém-nascido. Provavelmente ali também tem uma garrafa de água, uma carteira e remédio para alergia.

– Por que ela está irritada de fome? – Ted se inclina para a frente, apoiado nos cotovelos.

Antes que alguém possa responder, a porta se abre uma última vez e entra um homem.

– Treinador! – grita Ted.

Taylor ajeita a postura na mesma hora. Jess arranca o gorro e some com a barrinha de cereal. A energia da sala evapora, tipo quando um professor entra em uma turma do nada e os alunos estão conversando.

O treinador assistente Travis Williams é alto, parece ter uns 2 metros de altura. Preciso me acostumar com isso, senão vai ser um longo dia reparando na altura de todo mundo. Estou de volta ao basquete, pelo amor de Deus.

Williams é branco, tem cabelo louro e fino e sua pele tem a textura seca de um pimentão maduro demais.

– Bom dia – diz ele.

Seus olhos são a parte mais escura do rosto, o que lhe confere um visual de austeridade. Ele não sorri, nem mesmo com indiferença. Ninguém lhe diz que Jess está irritada de fome.

Ele se senta em frente a mim na mesa e junta as mãos. Não coloca nada à sua frente, nem um caderno, nem um celular, nem um copo de café.

Ao que parece, ele é a última pessoa que faltava, porque Ted começa a reunião. Mais ou menos.

– Então, Annie, como foi sua mudança para a Ardwyn?

Williams esfrega a testa.

– Foi bem tranquila – respondo. – É bom estar de volta. Mas fiquei triste quando vi que minha sorveteria favorita fechou.

Hesito em falar mais, alternando o olhar entre Ted e Williams e mexendo em meu cordão. Ted claramente adora jogar conversa fora. Williams parece o tipo de cara que reviraria os olhos se você tentasse lhe desejar feliz aniversário.

Seria bom saber quem eu deveria tentar agradecer aqui. Jess e Taylor não ajudam em nada. Ambas estão imersas em seus laptops e, com base no ritmo da digitação, que mais parece um duelo de pianos, tenho quase certeza de que estão trocando mensagens.

Eu era superfamiliarizada com a política deste lugar, mas costuma haver muitas mudanças no quadro de funcionários de áreas esportivas, e agora está tudo diferente. No ano em que saí, o treinador Maynard arrumou um novo emprego, ganhando uma bolada do dinheiro destinado ao ensino público na Arizona Tech e levando a maioria de seu pessoal junto. Seu substituto, o treinador Marshall Thomas, trouxe os próprios assistentes, incluindo Williams e Eric.

Ted prossegue:

– Você ainda tem muitos amigos na área?

– Hum, alguns.

Minha mão está de novo mexendo no meu cordão. *Para com isso*, ralho comigo mesma.

– Há quanto tempo você se formou?

– Oito anos.

Forço um sorriso e arregalo os olhos como se não pudesse acreditar que já tem tanto tempo. Essa é uma abordagem que satisfaz todo mundo: eu respondo às perguntas com o mínimo de palavras possível, como se pagasse por sílaba, mas com minha expressão mais simpática.

Ted começa uma história de como foi o primeiro dia de Jess no trabalho e esse é o limite de Williams. Ele se remexe em seu assento e pigarreja.

– Tenho que ir para o aeroporto em meia hora, então precisamos começar.

Viagem de recrutamento? Eu juraria que ele era da parte tática, não de relacionamentos.

Ele se apoia nos cotovelos, inclinando-se para a frente.

– Por favor, me explique por que precisamos de alguém como você no nosso time.

Ted ri, uma risada de “ô-ou” que vem do âmago.

– Ela acabou de chegar, treinador!

Williams o encara sem expressão alguma.

– Hum, não sei se entendi o que você quer dizer – respondo. – Não fui

contratada porque você acha que precisa de alguém como eu? Você ou... alguém?

Ele fica em silêncio por um momento. Descruzo as pernas e as cruzo para o outro lado. Taylor digita freneticamente.

– Estou perguntando o que você faz, no nível básico. Não passo muito tempo na internet.

– Ah. Bom, eu costumava fazer esse tipo de trabalho para o time quando era aluna, como o Eric deve ter falado, imagino. Tenho certeza de que a função vai ser um pouco diferente desta vez. Mas, no geral, produzo vídeos para redes sociais. Coisas dos bastidores, entrevistas, sabe? E vídeos pra gerar hype.

– Vídeos pra gerar hype – repete ele, inexpressivo, o rosto sem dar dica nenhuma.

– Tipo trailer de filme, mas para jogos de basquete, entende? – Pigarreio, tentando controlar o tom de voz crescente.

Williams une as pontas dos dedos, depois ergue os olhos e fala para o teto:

– Quando ouvi dizer que o treinador Thomas estava criando uma nova função para uma pessoa de vídeo... não me pareceu uma boa forma de usar nossos *recursos limitados*. – Ele enfatiza as duas últimas palavras com cautela, como se tivessem um significado secreto que eu não deveria decifrar. – Sou da velha guarda, o que talvez me torne parcial. Mas nosso diretor de análise, que é um cara moderno, concorda comigo. Deixamos clara a nossa opinião para o treinador Thomas.

Ted abre a boca, mas pensa melhor.

Os olhos de Williams se voltam do teto para mim.

– Mas agora você está aqui.

Minha vontade é rir. Que babaca. Eu nem procurei este emprego. Por que deveria convencê-lo? *Conversa com quem fez a contratação. Conversa com o Eric, especificamente.*

Por falar em Eric, eu deveria ter dado a ele um pedaço de carvão de presente de casamento, em vez da panela chique. Ele me disse que o treinador Thomas estava desesperado para superar o uso inovador que outras escolas fazem dos vídeos. Só esqueceu de mencionar que havia pessoas na equipe técnica que discordavam disso.

A sorte dele é que eu o amo. Engulo a onda crescente de sarcasmo. Lido numa boa com um cara como Williams porque ele é igual a vários treinadores que já conheci: só se importa em ganhar e acredita que isso é desculpa para ofender todo mundo. Sua crença é respaldada pelo fato de que há milhares de pessoas nos bastidores que comemoram quando ele faz seu trabalho. Só preciso dizer o que ele quer escutar.

Abro um leve sorriso.

– Vou explicar como vídeos podem ajudar no recrutamento.

Depois de uma penosa meia hora, saio da reunião com as mãos pegajosas e trêmulas. *Três anos disso*. Tenho um longo caminho à frente. Queria dizer que não vou me preocupar em conquistar a aceitação de ninguém aqui, mas não posso me dar esse luxo.

Depois do show de horrores, preciso correr até a Igreja. Preciso encontrar Donna, a administradora, às dez e meia para preencher a papelada do RH e pegar meu crachá. Já está quase na hora.

Quando chego lá, depois de cruzar o campus, estou ofegante. O suor ensopa as axilas da blusa branca que estou usando por baixo do blazer. É um blazer novo, de um tom terracota bem mulher poderosa. O intuito era passar um ar de importância com um terninho imponente no meu primeiro dia – sem precisar comprar algo sem graça. Minha mãe o puxara do cabide na Aritzia com um arquejo: “É exatamente a sua cor.”

Quando fazemos compras, ela me lembra que minha coloração pessoal é outono quente. Tenho olhos castanhos, sardas no nariz e o que minha avó costumava chamar de “uma boca enganosamente delicada”. Meu cabelo ondulado castanho está na altura dos ombros, a evidência de que o Grande Fiasco da Franja de Natal felizmente agora é só uma lembrança. A lembrança traz junto minha irmã Kat segurando uma tesoura depois de vários mojitos de mirtilo e dizendo: “Vai ficar superfrancês!”

Não posso culpá-la. Minha mãe, Kat e eu passamos nosso primeiro Natal em casa, depois do ataque cardíaco do meu pai, decorando a árvore com os enfeites que Kat e eu fizemos quando crianças e brincando com os jogos de tabuleiro que jogávamos no feriado todos os anos. Ficamos arrasadas. É *horrível* jogar cartas quando só há três pessoas. No Natal seguinte, nos esforçamos para fugir de todas as nossas tradições familiares e fomos para a Flórida, onde ficamos igualmente arrasadas, mas bêbadas. Daí a franja.

De acordo com as regras do teste de coloração pessoal, não devo usar tons pastel (válido), preto (sem o menor sentido) nem qualquer coisa próxima ao azul da Ardwyn (mais um sinal do Universo). Minha mãe acredita que saber a própria classificação é a chave para entender a si mesmo. Mas ela tem toda a razão em relação ao blazer.

*Não era para estar tocando alguma música?*, penso ao erguer os olhos para a Igreja. O tema de *Tubarão*, talvez. Eu poderia ficar do lado de fora, refletir sobre os velhos tempos e transformar isso em algo pleno, mas não há a menor possibilidade de eu me atrasar para encontrar Donna.

Beleza. Respiro fundo para tomar coragem. Vamos acabar logo com isso.

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,  
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.  
Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)

